

> Jeanine Torres Geammal | **Stênio Diniz: vislumbres**

I Resumo: Este ensaio fotográfico-textual, rendimento do tempo de convívio e trabalho com Stênio Diniz, se oferece como imagem efêmera e inconclusa de um percurso artístico dialógico e intersubjetivo pelas complexas formas de re(a)apresentação do outro e de si, pelo qual nos aventuramos, Stênio e eu.

I Palavras - chave: Arte e Design. Fotografia. Performance. Sympoiesis. Stênio Diniz.

> Jeanine Torres Geammal é professora no curso de Design Industrial da EBA_UFRJ; designer graduada pela EBA-UFRJ; mestre pela Escola de Desenho Industrial da UERJ (ESDI_UERJ); doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA_UFRJ); co-fundadora do NADA (Núcleo de arte e design e antropologia da EBA_UFRJ); co-coordenadora do projeto Herético Parlatório do Design (EBA_UFRJ). Nesses âmbitos, tem voltado sua atenção às fronteiras como impermanências, como (não) lugares de invenções, como zonas para sympoiesis.

E.mail: jeaninegeammal@eba.ufrj.br

ORCID 0000-0003-1216-1277

Jeanine Torres Geammal | **Stênio Diniz: glimpses**

Abstract: This photographic-textual essay, the result of my time living and working with Stênio Diniz, offers itself as an ephemeral and unfinished image of a dialogical and intersubjective journey through the complex forms of re-presentation of the other and of oneself, through which we venture ourselves, Stênio and I.

Keywords: Art and Design. Photography. Performance. Sympoiesis. Stênio Diniz.



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartistesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine Torres Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartistesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartistesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



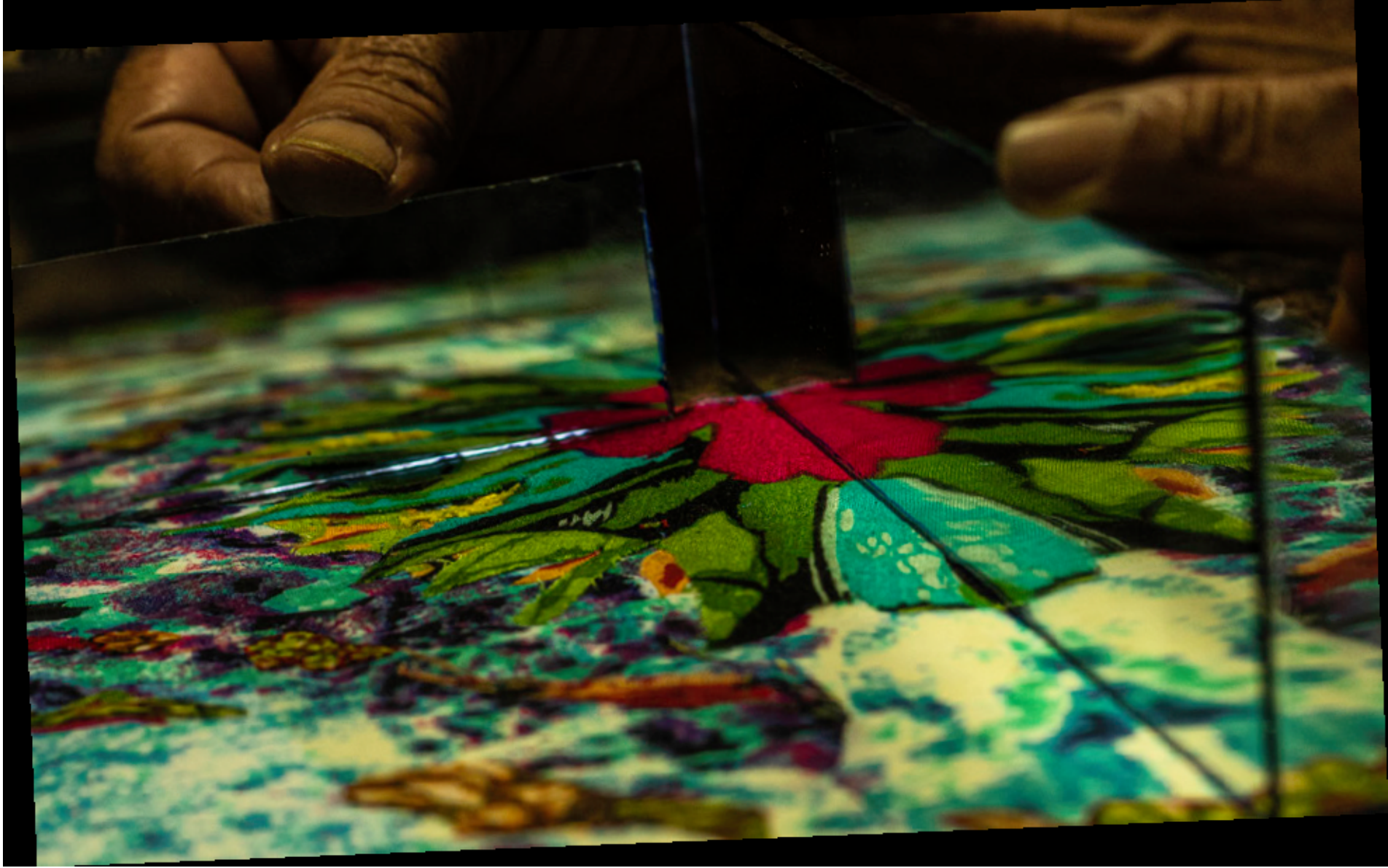
<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine Torres Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine Torres Geammal



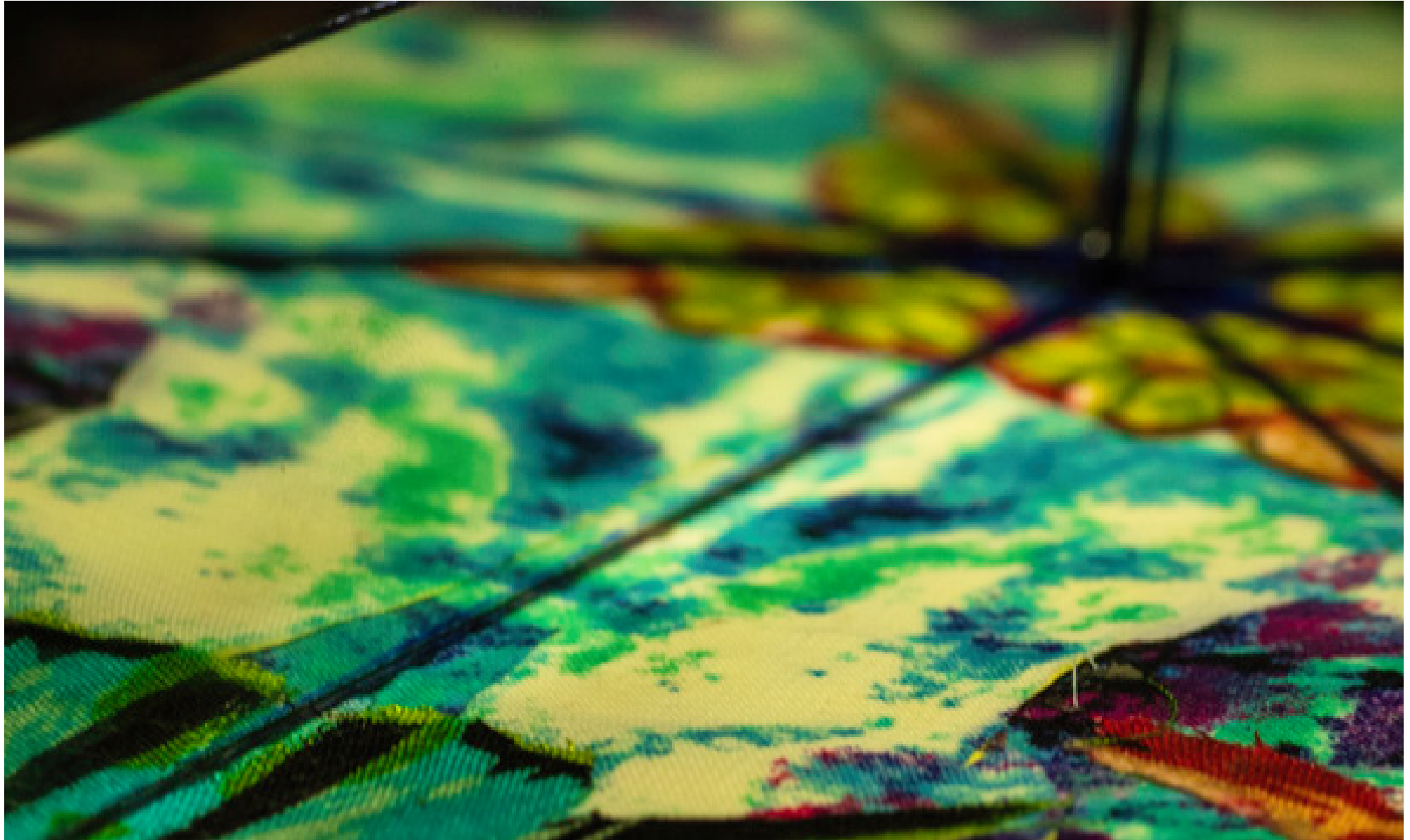
<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartistesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
_ Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine Torres Geamma



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



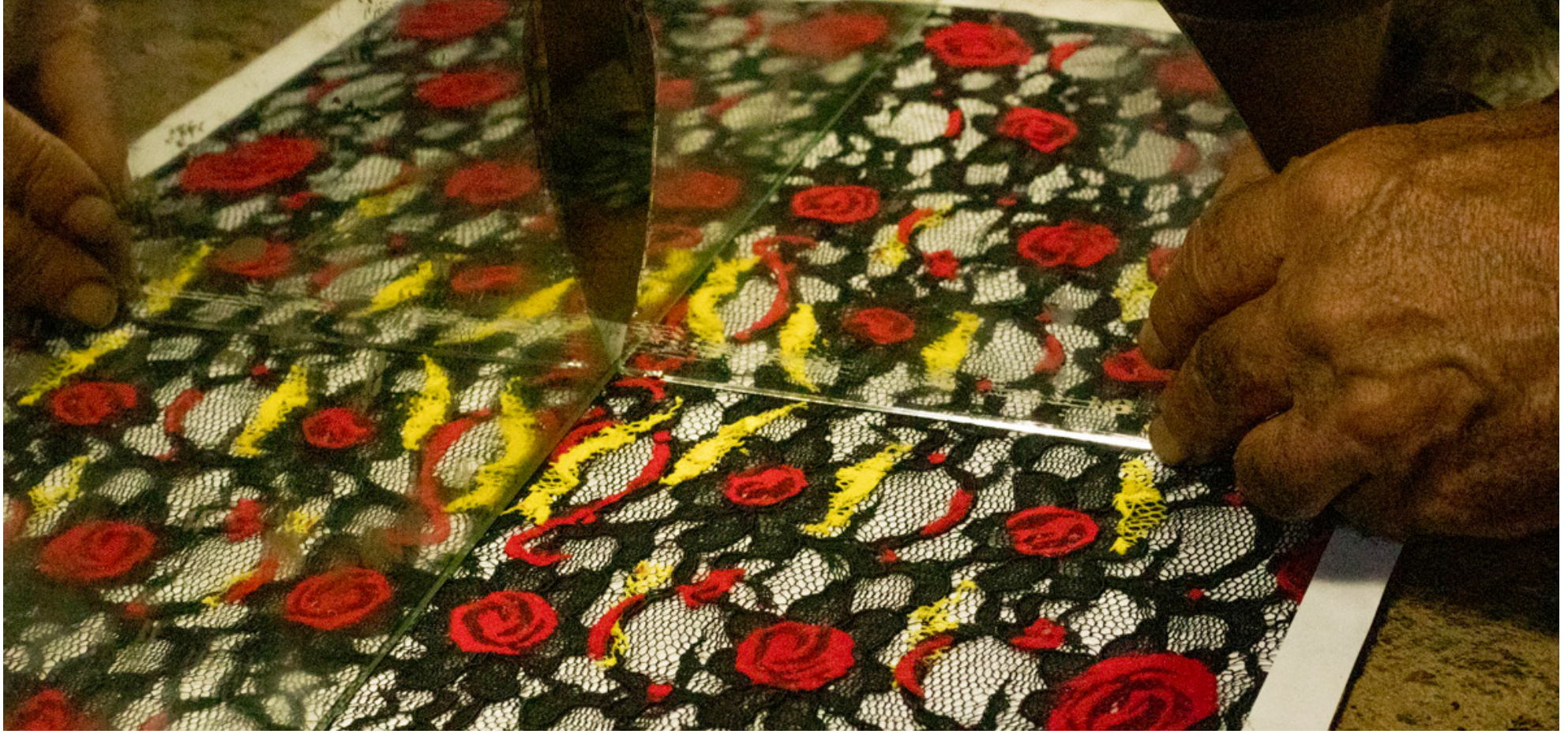
<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vislumbres
- Jeanine_Torres_Geammal





<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
- Jeanine_Torres_Geammal



<https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2021.1.70997>

Stênio Diniz: vistumbres
_ Jeanine_Torres_Geammal

1 No curso da pesquisa de doutorado em andamento no PPGSA-UFRJ, compartilhei com Stênio Diniz, Din (Aparecido Alves), Nil Morais e José Lourenço momentos de criação e vivência artística. Se neste ensaio digo sobretudo das invenções que vivi com Stênio, não há como negar que são invenções contaminadas pelas outras — criações e especulações que produzi em companhia de Din, Nil e Zé.

2 *Sympoiesis* é palavra simples; significa “fazer-com”. Nada se faz sozinho; nada é realmente autopoietico ou auto-organizado [...]. *Sympoiesis* é palavra apropriada para sistemas históricos, complexos, dinâmicos, responsivos, situados. É palavra para “fazer-mundo-com”, em companhia. *Sympoiese* envolve a autopoiese e generativamente a desdobra e alonga (HARAWAY, 2016, p.58; tradução nossa).

Em pesquisa, desenvolvo uma reflexão desde uma perspectiva relacional, intrassubjetiva, sobre os processos de produção de arte e de si vivenciados por alguns artistas. Stênio, Din, Nil, José Lourenço¹ têm em comum a imburana como importante matéria para a lida artística, o Cariri como lugar de referência e residência, e o adjetivo “popular” como desígnio do tipo de arte que fazem e de artistas que são.

Ao me aproximar dessa tal arte (“popular”?), interessaram-me, sobretudo, os agenciamentos em que os artistas tomavam parte e as vias que seguiam em decorrência dessas experiências de contágios. Se houve um tempo em que as enxergava como termos distintos em interação, hoje, enamorada de Donna Haraway (2016) e Ana Tsing (2015), inclino-me a entendê-las como *sympoiesis*² ou como uma performatividade pós-humanista de Karen Barad (2017). Intra-ações intrarreinos, intracampos, intra-artes. Ponderadas a partir da convivência com esses artistas, da atenção às suas invenções, às suas falas, percebo-as e compreendo-as como formas de afeto que sublevam e fazem vacilar o eu (DELEUZE, GUATARRI, 1997). E porque sou atraída com frequência por suas *performances*, me surpreendo de súbito nesses arranjos afetivos, também em contágio.

O encontro com Stênio advém, com efeito, de um descaminho de pesquisa. Sobrechega pela via de fuga que se quer desviante dos engessamentos que conduzem aos estereótipos. Sou capturada por sua qualidade e prática multi(dis)formes: artista, xilógrafo, poeta, cordelista, músico, designer, articulador de ações de incentivo a uma arte

ativa e ativista que ao mesmo tempo se aproxima e se distancia do que se diz e do que se pratica como “arte popular” do Cariri. Transita por entre expressões de arte-vida-lugar sem ser capturado por nenhuma, nem se presumir estrangeiro em qualquer delas. Engendra e mobiliza instâncias, sem nomeá-las ou dissociá-las. O modo como vive suas práticas artístico-políticas ou político-artísticas explodiu para mim demarcações e limites que em outros tempos e lugares me pareciam tão vividamente desenhados: vida-trabalho; arte-política; ciência-vida; erro- acerto; expressão-representação; vida-política-arte-ciência; e tantos outros.

Nas fotografias que aqui exponho, alteridade e movimento são fundamentais. Implicando-nos, talqualmente, no empenho de apreender uma realidade, antropóloga e nativa — nem sempre com essa atuação e personagens — trilhamos vias que privilegiam a experiência do mundo em lugar de sua representação (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012). Caminhos que reverenciam a qualidade produtiva do discurso-imagem e tonificam o aspecto performático das construções (esta, que aqui está, e muitas outras que delineamos durante o convívio).

Foi em vislumbre, de soslaio, em encantamento, que vi pela primeira vez as montagens que Stênio cria com colagens e espelhos. Nessas colagens, os corpúsculos que se grudam por cola são retalhos de tecidos. Como diz: “Desconstruo as estampas originais e as reconstruo em novos padrões”. Nos fragmentos colados diretamente

sobre papel ofício 70g/m², imiscuem-se as colorações e texturas originais dos tecidos industrialmente estampados e ganham novas nuances de cores e relevos pelas mãos de Stênio. Há nelas, sobretudo, um plano; mas há também indeterminações, imprevisibilidades, tridimensionalidades; há uma economia do projeto, mas há outra, da distração, que admite entrarem em ação o fortuito, o aleatório, o casual e também o transe.

Nos painéis que Stênio formula sobre o papel-ofício com os restos retalhados de tecidos há abstração, mas há também figurações, tanto aquelas presentes nas estampas originais dos tecidos quanto outras, que ele elabora nas composições reconstitutivas desses fragmentos. Acrescenta, por vezes, pequenos desenhos, representações de olhos que nos fazem ver figurações; representações imaginárias de plantas, bichos, pessoas... quase sempre percebidas em partes — cabeças, meias cabeças, mãos, braços, patas... se imiscuem, submersos, nas estampas reconfiguradas dos tecidos.

Há nessas colagens um jogo de esconde-esconde, um jogo que nos convoca, que nos envolve, que nos prende em encantamento de busca, de procura, de desvelamento. Mas ainda não podemos entender esses painéis e os fascínios que promovem como obras prontas. Eles não são ainda, nessas composições sobre o papel, concepções finais da obra que Stênio maquina (ou cabala) nem são, até então, capazes de promover em nós todo o encanto que esse artista trama. Aguardam assim, no papel, a produção doutras magias.

Enquanto nos exhibe (a mim e a ele) as imagens que vai criando com suas colagens de

tecido multiplicadas por arranjos angulares de fragmentos especulares, narra fragmentos de vida e arte que lhe vêm à memória: recita-nos um poema que dera origem a uma xilogravura, e vice-versa; canta-nos uma de suas composições musicais; rememora acontecimentos, emociona-se, emociona-me. Reflete(-se), multiplica(-se), fragmenta(-se).

A potência criativa que o improvisado, a *parole*, a narração, as coisas e os corpos vão ganhando nessas *performances* evidencia suas funções poéticas de criar “realidades”. Constituem, simultaneamente, a experiência, a arte, o social e a nós, personagens pessoas, coisas, emaranhadas e envolvidas. Não são nem discursividades neutras nem meros objetos; têm agência para nos transformar no próprio curso das construções narrativas.

Da mesma forma, os registros imagéticos que capturo desse percurso e sua posterior edição, em si próprios percursos afetivos, agenciam sentidos outros para o mundo ao nosso redor. A produção destas fotografias, em si um ato performático, ocorre em simultaneidade à *performance* de narração e exibição dessa produção imagética efêmera, plural, inconclusa, múltipla, infinita, que Stênio compõe e encena, pela colagem desses fragmentos de tecido, espelho e vida. No entreperformances, Stênio opina sobre o melhor ângulo para a captação da imagem transitiva que vislumbra e produz. Fantasia(-se), desempenhando papel fundamental para a construção destas imagens em exposição. Também por isso, realismo-impressionismo, documento-arte mostram-se indissociáveis. Porque os índices dessa fantasia se transfundem nos índices de realidade que aqui se

apresentam. Contagiam-se, emaranham-se, amatilham-se. Indiscerníveis, se corporificam como vestígios que recobrem, codificam e desvelam o exercício da (auto)invenção.

Quando fotografo, retenho miradas. Mas imprimo *flashes* que fracassam em fixar aquilo que vislumbramos juntos. Nunca a sequência inteira, nunca todas as possibilidades. Porque infinitas, deslizantes, estão sempre a nos escapar. O que resulta das fotografias que realizamos? Apenas uma visualização instantânea da transição? Uma memória? É, decerto, uma representação insuficiente da “forma em ação” produzida por Stênio e por mim. Mas a relevância que preciso explorar aqui não se refere à fidedignidade plástica ou formal da representação fotográfica, e sim aos desenhos que o próprio processo de fotografar e que os resultados plástico-formais dessa ação permitiram; aos entendimentos e percepções, antes ocultos ou inalcançáveis, que pudemos acessar por meio da *fotografiação*.

Uma ação que me ensinou coisas com que a percepção despida da objetiva não havia até então atinado. As impassibilidades mecânicas, materiais e objetivas da tecnologia de registro despojavam objetos do rebotalho de hábitos e preconceitos com que a minha percepção os revestira. Das fotografias saltam anjos de gesso, porta-lápis, estiletes... antes, pormenores ignorados. Bazin (1983, p.127) vai dizer que a objetiva pode mesmo tomar os objetos virgens à atenção e ao amor do fotógrafo. Talvez isso se dê pelo accidental, incontornável ao ato de fotografar o que se move. O amor estava ali, direcionando minha atenção e percepção à nuvem que se monta em torno do objeto, mas me movia

como um cupido estabanado, que apontava sua flecha para um alvo e acertava outros. A impassibilidade da objetiva parecia mesmo tomá-los despidos à minha atenção e ao meu amor (BAZIN, 1983, p.127). Despertavam percepções ocultas pelos hábitos e preconceitos com os quais eu revestira aquilo que observava.

De modo diverso, mas igualmente potente, Stênio também era afetado pelo acontecimento fotografado. Ele também se surpreendia com as imagens fotografadas, com seu corpo em espelhamento, deformado, composto, colado às colagens, formando outros corpos, novas imagens, que eram ao mesmo tempo o que víamos antes de fotografá-las, mas eram também outras, inesperadas, surreais. Instantâneos que nos revelavam uma beleza que o tempo do movimento não nos permitia enxergar, ocultada pela ação, pelo movimento, pelo cotidiano... Nos permitiam “admirar em sua reprodução o original que os nossos olhos não teriam sabido amar” (Bazin, 1983, p.128).

Tal como nestas fotografias, Stênio, ao refletir(-se), ao multiplicar(-se), ao fragmentar(-se); desvela(-se) em partes, reproduz(-se) em miradas transientes, em vislumbres... Pela via de um silêncio eloquente, são imagens que abrem caminho para um recorte sensível e inteligível das reflexões provisórias de Stênio e de sua arte, para a produção desse existir. Importa dizer, fazem o mesmo por mim.

Referências:

- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. Tradução: Thereza Rocha. **Revista Vazantes**. 1(1), 07-34, 2017. Disponível em <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20451>, acesso em fev. 2019.
- BAZIN, André. Ontologia da imagem fotográfica. In: XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema: ontologia**. Tradução: Hugo Sérgio Franco. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilme, 1983, p.121-128.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. Tradução (coord.): Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia. Etnobiografia: esboços de um conceito. In: GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia (org.). **Etnobiografia: subjetividade e etnografia**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p.9-17.
- HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making Kin in the Chthulucene**. Durham, NC: Duke University Press, 2016.
- TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha**, Revista de Antropologia. Florianópolis: UFSC, 17(1), p.177-201, nov. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>.